

# AFETAR-SE PARA RESISTIR: RELATOS SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO I DO CURSO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Luana da Silva Libério<sup>1</sup>

## ***BEING AFFECTED IN ORDER TO RESIST: Accounts of Supervised Teaching Practice I in Philosophy in Secondary Education***

### **Resumo:**

O presente artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do Estágio Supervisionado I do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), realizado na escola EEMTI Dom Aloísio Lorscheider. A experiência do estágio colocou em evidência um campo de tensões entre o desejo de ensinar e as condições concretas de precarização da escola pública, bem como entre a potência formadora do pensamento filosófico e os processos de burocratização do ensino. A análise parte de uma perspectiva qualitativa e crítica, atravessada pela identificação da estagiária com os estudantes, especialmente no que se refere às dificuldades de conciliar trabalho e estudo, e pelo desafio de sustentar uma escuta ética, política e atenta no cotidiano escolar. À luz das contribuições teóricas de Paulo Freire e David Graeber, o artigo discute o papel do ensino de Filosofia no ensino médio como espaço privilegiado para a construção do pensamento crítico e da autonomia intelectual, sem desconsiderar os limites impostos pelas dinâmicas burocráticas institucionais. Defende-se que uma postura docente afetiva, combativa e politicamente implicada é fundamental para evitar que a prática educativa se reduza a automatismos e para sustentar a Filosofia como prática de resistência no interior da escola pública.

**Palavras-chave:** Ensino de Filosofia 1. Ensino Médio 2. Afeto 3.

### **Abstract:**

*This article presents an experience report developed within the context of Supervised Teaching Practice I in the Philosophy Teacher Education program at the State University of Ceará (UECE), carried out at EEMTI Dom Aloísio Lorscheider School. The internship experience highlighted a field of tensions between the desire to teach and the concrete conditions of precariousness in public education, as well as between the formative potential of philosophical thinking and the processes of bureaucratization in schooling. The analysis adopts a qualitative and critical perspective, shaped by the intern's identification with the students—particularly regarding the challenges of balancing work and study—and by the effort to sustain an ethical, political, and attentive form of listening in the school environment. Drawing on the theoretical contributions of Paulo Freire and David Graeber, the article discusses the role of Philosophy teaching in secondary education as a privileged space for the construction of critical thinking and intellectual autonomy, without disregarding the limits imposed by institutional bureaucratic dynamics. It argues that an affective, combative, and politically engaged teaching stance is essential to prevent educational practice from being reduced to automatisms and to sustain Philosophy as a practice of resistance within the public school system.*

**Keywords:** Philosophy Teaching 1. Secondary Education 2. Affect 3.

<sup>1</sup>Graduanda no Oitavo Período em Licenciatura em Filosofia na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

## 1. INTRODUÇÃO

Entrar em uma escola pública como estagiária de Filosofia, tendo sido aluna trabalhadora desde o ensino médio, não constituiu apenas um exercício de observação acadêmica, mas um retorno íntimo, político e simbólico a um espaço que também me formou. Ao reconhecer nos rostos cansados, nas falas atravessadas por dúvidas, nos silêncios prolongados e nas agitações cotidianas partes da minha própria trajetória, fui colocada diante de uma experiência de identificação que produziu deslocamentos importantes no meu modo de estar naquele espaço.

Afetar-me por esse encontro não foi sinal de fragilidade ou perda de rigor, mas expressão de presença e responsabilidade ética diante das condições concretas que atravessam a vida escolar. A escuta que levei comigo não foi neutra. Tratou-se de uma escuta situada, sensível e combativa, comprometida com a recusa à anestesia diante das dores que, muitas vezes, são naturalizadas no cotidiano da escola pública. Escutar, nesse sentido, não significou apenas ouvir falas individuais, mas perceber gestos, cansaços, ausências e silêncios como expressões de uma realidade marcada por desigualdades estruturais.

Essa postura implicou reconhecer que a docência, sobretudo no campo da Filosofia, não pode se limitar à transmissão de conteúdos, mas exige abertura para o encontro com o outro e disposição para problematizar as condições que moldam a experiência escolar. Esse movimento reafirmou, ainda, um compromisso com a docência como prática política e formativa. Se for para ser professora, e é nessa direção que me coloco, que seja alguém capaz de abrir possibilidades para que estudantes possam pensar criticamente sobre suas próprias experiências, sentir-se reconhecidos em sua dignidade e afirmar sua autonomia intelectual. A sala de aula, nesse horizonte, deixa de ser apenas um espaço de cumprimento curricular e passa a se configurar como lugar de escuta, diálogo e criação de sentidos. É a partir desse compromisso que a Filosofia se apresenta não como um saber distante, mas como prática viva, capaz de tensionar o automatismo da rotina escolar e sustentar brechas de reflexão, resistência e existência no interior da escola pública.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste trabalho apoia-se principalmente nas contribuições de Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, e de David Graeber, em *A Utopia das Regras*, tomando essas obras como chaves

interpretativas para pensar a docência, o ensino de Filosofia e as condições institucionais da escola pública contemporânea. Ambos os autores permitem compreender a educação como uma prática profundamente atravessada por dimensões éticas, políticas e afetivas, em permanente tensão com processos de burocratização e automatização da vida social.

Em Paulo Freire, a docência é compreendida como uma prática essencialmente humana e relacional. Não há, para o autor, possibilidade de ensino desvinculado da escuta, do diálogo e do reconhecimento da autonomia do educando. Freire afirma de modo contundente que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996, p. 13). Essa concepção rompe com a lógica da educação bancária e exige do educador uma postura ética que reconheça os estudantes como sujeitos históricos, portadores de saberes e experiências que devem ser considerados no processo educativo. A dimensão afetiva da docência, longe de ser secundária, ocupa lugar central nessa perspectiva. Freire sustenta que "ensinar exige querer bem aos educandos" (FREIRE, 1996, p. 72), indicando que o ato educativo implica envolvimento, responsabilidade e compromisso com a dignidade do outro. O afeto, nesse sentido, não se opõe ao rigor, mas o sustenta, pois é justamente a recusa à indiferença que possibilita uma prática pedagógica crítica e comprometida com a formação da autonomia intelectual. Afetar-se é, portanto, assumir uma posição ética diante da realidade e rejeitar a naturalização das desigualdades que atravessam o cotidiano escolar. Além disso, Freire enfatiza que a prática educativa é inevitavelmente política. Ao afirmar que "lavar as mãos em face da opressão é reforçar o poder do opressor" (FREIRE, 1996, p. 57), o autor explicita que a neutralidade no campo da educação é uma ilusão. A docência implica escolhas, tomadas de posição e responsabilidades diante das condições concretas em que se desenvolve o processo de ensino-aprendizagem. Assim, sustentar uma escuta ética e crítica dos estudantes constitui um gesto político, sobretudo em contextos marcados pela precarização do ensino público.

O diálogo com David Graeber, a partir de *A Utopia das Regras*, contribui para a análise das estruturas institucionais que atravessam a escola e condicionam o trabalho docente. Graeber analisa a expansão da burocracia nas sociedades contemporâneas e argumenta que ela tende a produzir relações sociais esvaziadas de sentido. Para o autor, a burocracia pode ser compreendida como uma forma de violência estrutural, na medida em que impõe regras e procedimentos que as pessoas são obrigadas a seguir, independentemente de

fazerem ou não sentido. No contexto educacional, essa lógica se expressa por meio da centralidade de controles administrativos, relatórios, metas e indicadores que frequentemente interrompem o processo pedagógico e capturam o tempo e a energia de professores e estudantes. Graeber observa que os sistemas burocráticos tendem a produzir comportamentos automáticos, nos quais agir deixa de ser resultado de reflexão crítica e passa a ser mera obediência às regras. Esse processo contribui para a produção de automatismos que esvaziam o sentido formativo da escola e afastam a educação de sua dimensão humana.

A partir desse referencial, é possível compreender o ensino de Filosofia como um campo tensionado entre o risco da submissão aos automatismos burocráticos e a possibilidade de resistência crítica. Quando reduzida ao cumprimento de protocolos institucionais, a Filosofia perde sua potência formadora. No entanto, quando articulada à escuta, à problematização da experiência e ao diálogo, ela pode operar como prática de ruptura, interrompendo o automático e reabrindo espaços de pensamento e elaboração coletiva. Assim, a fundamentação teórica aqui mobilizada sustenta a defesa de uma docência afetiva, combativa e politicamente implicada. Inspirada em Paulo Freire e David Graeber, esta perspectiva afirma que o afeto é uma força ética fundamental para resistir à burocratização do ensino e para sustentar práticas educativas comprometidas com a autonomia, a dignidade e a formação crítica dos estudantes no interior da escola pública.

### 3. METODOLOGIA

A experiência analisada neste trabalho foi desenvolvida no âmbito do Estágio Supervisionado I do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), realizado na escola EEMTI Dom Aloísio Lorscheider. O estágio teve como foco a observação do cotidiano escolar e das práticas pedagógicas no ensino médio, constituindo-se como um espaço de aproximação crítica entre formação teórica e realidade concreta da docência na escola pública. A metodologia adotada caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, fundamentada na observação participante. As atividades de campo consistiram em visitas semanais à escola, acompanhamento sistemático das aulas de Filosofia, realização de registros em diário de campo, escuta atenta dos estudantes e diálogo contínuo com a professora regente da disciplina.

Esses procedimentos permitiram apreender não apenas os conteúdos trabalhados em sala, mas também

as dinâmicas institucionais, as relações estabelecidas entre os sujeitos escolares e os atravessamentos estruturais que marcam o cotidiano da escola pública. A análise da experiência não se orienta por uma perspectiva de neutralidade, mas assume explicitamente um lugar situado: o de uma estagiária que observa, participa e se deixa afetar pelas condições concretas do espaço escolar. Tal posicionamento metodológico compreende que a implicação do sujeito pesquisador não compromete o rigor da análise, mas, ao contrário, amplia a possibilidade de compreensão crítica da realidade observada. Os dados produzidos ao longo do estágio foram interpretados à luz de referenciais teóricos críticos, especialmente as contribuições de Paulo Freire e David Graeber, que possibilitam problematizar tanto as práticas pedagógicas quanto os processos de burocratização e automatização presentes no contexto educacional. As situações e cenas relatadas foram selecionadas por sua relevância para o debate sobre o ensino de Filosofia no ensino médio, a formação docente e os desafios enfrentados cotidianamente na escola pública, buscando articular a experiência empírica com a reflexão teórica.

### 4. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Os resultados do estágio indicam que o afeto, compreendido como posicionamento ético e político, constitui um elemento central para a prática docente em Filosofia no ensino médio. Longe de se reduzir a uma atitude meramente "carinhosa", o afeto manifestou-se, ao longo da experiência, como atenção e disposição para a escuta. Diante de estudantes cansados, apáticos ou descrentes, a postura adotada não foi a do julgamento moral, mas a formulação de uma questão pedagógica fundamental: o que está faltando para que a construção do pensamento crítico volte a ser possível nesse espaço? Afetar-se, nesse contexto, não significou fragilizar-se, mas assumir presença.

A escuta empática, como afirma Paulo Freire, constitui condição indispensável para qualquer processo educativo que se pretenda autêntico. Ensinar, nesse horizonte, exige colocar-se em relação com o outro, reconhecendo-o como sujeito de saberes, experiências e contradições, o que rompe com a lógica da mera transferência de conhecimentos e afirma a produção partilhada dos saberes como princípio pedagógico. A Filosofia, a partir dessa perspectiva, não se apresenta como um conjunto de respostas prontas, mas como uma prática que sustenta questionamentos, incômodos e a recusa diante do conformismo. No entanto, os dados observados durante o estágio evidenciam que essa potência encontra limites concretos no cotidiano escolar.

A escola pública vivencia um processo de esvaziamento progressivo de sentido, marcado pela escassez de recursos, pela sobrecarga docente e pelo desânimo discente. Trata-se de uma crise estrutural que ultrapassa a sala de aula e se expressa na forma como a instituição passa a operar prioritariamente a partir de exigências burocráticas. Conforme analisa David Graeber, a burocratização crescente das instituições tende a afastar as práticas sociais de sua dimensão humana, reduzindo-as ao cumprimento de regras, metas e relatórios que pouco dialogam com a experiência real dos sujeitos. Essa tensão esteve presente de forma recorrente ao longo do estágio. De um lado, observou-se uma estrutura institucional que frequentemente sufoca o tempo da reflexão e da escuta; de outro, a resistência silenciada dos estudantes, perceptível em comentários pontuais, perguntas aparentemente simples e desabafos inesperados.

Em uma das aulas acompanhadas, a professora foi interrompida no meio de um diálogo com os alunos para que a chamada fosse refeita, apesar de já ter sido realizada. Essa tarefa era atribuída a estudantes bolsistas que atuam na gestão escolar, jovens em processo de formação que precisavam se ausentar de suas próprias aulas para cumprir funções administrativas. Mal remunerados, com carga horária extensa e submetidos a múltiplas responsabilidades, esses estudantes acabam operando mecanismos de controle e vigilância institucional. Essa cena evidencia como a lógica da escassez instrumentaliza sujeitos que deveriam estar prioritariamente envolvidos em seus processos formativos, inserindo-os em uma engrenagem burocrática que os prejudica diretamente.

Os efeitos dessa dinâmica tornam-se ainda mais evidentes quando se considera que a maioria dos estudantes da escola reside na zona rural e precisa acordar entre três e quatro horas da manhã para acessar o transporte escolar. O cansaço visível em sala de aula, muitas vezes interpretado como desinteresse, mostrou-se, na realidade, como resultado de uma sobrecarga cotidiana. Ainda assim, os registros de campo indicam a existência de brechas para a reflexão crítica. Em uma atividade de leitura filosófica, um estudante afirmou sentir que vivia "no automático", acordando e cumprindo tarefas sem tempo para pensar. Essa fala revela um incômodo profundo com a rotina, mas também uma abertura concreta para a elaboração crítica da própria experiência. Quando há espaço de escuta, a vivência deixa de ser apenas sofrimento bruto e passa a ser pensada, nomeada e compartilhada. É nesse ponto que a Filosofia demonstra sua potência formadora: como mediação entre a experiência e o pensamento,

possibilitando que rotinas, dores e inquietações ganhem linguagem, sentido e possibilidade de ação.

No decorrer do estágio, algumas condições estruturais da escola revelaram-se determinantes para compreender os limites e possibilidades do processo de ensino-aprendizagem observado. Entre elas, destacou-se a ausência de um Projeto Político-Pedagógico (PPP) efetivamente implementado. Segundo relato da professora supervisora, o documento encontra-se em elaboração há aproximadamente dois anos, sem conclusão formalizada. A inexistência de um projeto atualizado não se apresenta apenas como uma lacuna administrativa, mas como um fator que interfere na organização pedagógica da instituição como um todo. Sem um eixo orientador coletivo claramente definido, as práticas escolares tendem a assumir um caráter fragmentado e reativo, frequentemente orientado por demandas burocráticas externas, como cumprimento de carga horária, relatórios e indicadores, em detrimento de um horizonte formativo compartilhado. Tal cenário impacta não apenas o componente curricular da Filosofia, mas o conjunto das práticas educativas desenvolvidas na escola.

Outro aspecto estrutural que atravessou a experiência do estágio foi o processo de reforma pelo qual a escola passava durante o período de observação. A redução significativa do número de salas disponíveis resultou na adoção de um sistema de revezamento quinzenal entre as turmas de primeiro ano. Com apenas duas salas em funcionamento para quatro turmas, metade dos estudantes permanecia em casa a cada semana. Essa dinâmica comprometeu a continuidade das aulas presenciais e impôs desafios concretos à construção do vínculo pedagógico e ao desenvolvimento sequencial dos conteúdos. As dificuldades observadas não se restringem à disciplina de Filosofia, mas evidenciam como condições materiais e organizacionais influenciam diretamente o processo formativo, ampliando desigualdades e limitando a efetividade das práticas docentes.

Diante desse conjunto de dados, conclui-se que as dificuldades observadas não se limitam a problemas logísticos ou administrativos, mas revelam uma injustiça estrutural que atravessa a educação pública e afeta diretamente o direito dos estudantes a uma escolaridade plena, contínua e de qualidade. Ainda assim, os resultados do estágio indicam que, mesmo em meio à precarização e à burocratização, a Filosofia pode operar como espaço de resistência quando sustentada por uma prática docente afetiva, crítica e politicamente implicada. Afetar-se, escutar e problematizar a experiência não resolvem, por si só, os impasses estruturais, mas abrem

brechas fundamentais para que o pensamento não seja totalmente capturado pelo automático, e para que a educação permaneça como espaço de possibilidade, e não apenas de sobrevivência.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Estágio Supervisionado I constituiu-se como um espaço privilegiado de reflexão crítica sobre a formação docente e as condições concretas do ensino de Filosofia na escola pública. A experiência permitiu evidenciar as múltiplas contradições que atravessam o cotidiano escolar, especialmente aquelas relacionadas à burocratização do ensino, à precarização das condições materiais e à ausência de um Projeto Político-Pedagógico efetivamente em vigor. Esses elementos impactam diretamente a prática pedagógica e contribuem para o esvaziamento do sentido formativo da escola. Apesar desses limites estruturais, os resultados do estágio indicam a existência de brechas de resistência no interior da escola pública, perceptíveis nas falas, silêncios e inquietações dos estudantes. Quando escutados de forma ética e atenta, esses elementos revelam-se como pontos de partida para a construção de práticas educativas mais humanas, críticas e comprometidas com a autonomia dos sujeitos.

Nesse sentido, o ensino de Filosofia mantém sua potência formadora ao possibilitar a mediação entre a experiência vivida e a reflexão crítica, mesmo em contextos adversos. A partir do diálogo com Paulo Freire e David Graeber, o artigo sustenta que a docência não pode se reduzir a práticas automáticas ou à mera reprodução de exigências institucionais. Ao contrário, exige uma postura afetiva, crítica e politicamente implicada, capaz de resistir à lógica burocrática e de afirmar o diálogo, a presença e a escuta como princípios pedagógicos fundamentais. A Filosofia, entendida como prática e não apenas como conteúdo, configura-se como espaço de problematização, criação de sentido e resistência no interior da escola pública. Por fim, o estágio representa o início de um compromisso com uma concepção de docência que reconhece a educação como prática ética e política. Ser professora, nesse horizonte, implica sustentar espaços de pensamento, dignidade e escuta, mesmo diante das ausências e precariedades que marcam o ensino público. Assim, reafirma-se a necessidade de uma educação orientada pela esperança crítica, capaz de afirmar a possibilidade de transformação e de resistência no cotidiano escolar.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GRAEBER, David. **La utopía de las normas: de la tecnología, la estupidez y los secretos placeres de la burocracia**. Barcelona: Ariel, 2015.